

A SUBVERSÃO PROUSTIANA DA MEMÓRIA: UMA LEITURA ENTRE A INSPIRAÇÃO DA TEORIA DE BERGSON E AS FORMULAÇÕES FREUDIANAS

*Alvinan Magno Lopes Catão*¹

*Eliana Rigotto Lazzarini*¹²

*Márcia Cristina Maesso*³

RESUMO

Este artigo se propõe a discutir a concepção de memória e lembrança em Proust, comparando-a com a teoria de Bergson e com as formulações de Freud. Partindo da leitura e análise do livro *No Caminho de Swann*, sustenta-se a ideia de que Proust, apesar de ter se inspirado em Bergson, desenvolveu outra formulação de memória e lembrança. Graças à sua experiência estética literária, Proust descobre e evidencia a memória involuntária ou inconsciente que não depende do esforço consciente, subvertendo o sentido original da teoria bergsoniana que concebe o prolongamento do passado no presente como algo da consciência. Procurou-se apresentar que esta subversão da memória aproxima nocionalmente Proust das formulações freudianas, nas quais o inconsciente está no cerne.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Lembrança; Proust; Bergson; Freud

¹ Psicólogo clínico. Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UNB), bolsista CAPES. Email: alvinanmagno@gmail.com; Telefone: (62) 993910858

² Psicóloga Clínica. Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Email: elianalazzarini@gmail.com; telefone: (61) 99895103.

³ Psicanalista. Professora associada do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. Email: maessomc@gmail.com; Telefone: (61) 82388844.

INTRODUÇÃO

Marcel Proust (1871-1922) foi um importante romancista, ensaísta e crítico literário francês, considerado por muitos como um dos maiores escritores de todos os tempos. Sua obra mais importante, o romance “Em busca do Tempo perdido”, foi escrita entre 1907 e 1922, ano de sua morte, e publicada entre 1913 e 1927, compondo sete volumes, são eles: No Caminho de Swann; À Sombra das Raparigas em Flor; O Caminho de Guermantes; Sodoma e Gomorra; A Prisioneira; A Fugitiva; O Tempo Redescoberto (PROUST, 2006).

É consenso entre estudiosos da obra de Proust (BENJAMIM, 1989; RICOEUR (1995); DELEUZE, 2003), que os temas centrais dessa são: o tempo, a memória e a lembrança. Esses temas também foram abordados pelo filósofo francês Henri Bergson. Existe uma vasta bibliografia que aborda as diversas relações existentes entre o romancista e o filósofo, sejam estes referentes ao pensamento, à inspiração e/ou à influência.

De acordo com Lama (2012), “Em Busca do Tempo Perdido” de Proust, foi compreendida pela crítica da tradição francesa, por muito tempo, como uma espécie de aplicação literária das ideias filosóficas de Bergson sobre a memória e o tempo. O autor afirma que a aproximação entre o filósofo e o romancista se dá pela contemporaneidade dos dois autores que viveram em uma mesma época e em um mesmo ambiente sociocultural francês, cuja efervescência cultural e intelectual estava presente. Além desse fato, é importante dizer que Proust estudou diretamente com Bergson (PROUST, 2006; LAMA 2012).

Embora haja uma inegável influência da filosofia de Bergson na obra de Proust, muitos autores contemporâneos discordam do fato desta ser uma mera aplicação literária das ideias de Bergson. Dentre esses se encontra Poulet (1992), que sustenta a ideia de que o tempo proustiano é espacializado e justaposto, se opondo ao tempo bergsoniano, onde existe o tratamento da memória enquanto duração. O autor entende que o tempo proustiano não é um transcorrer que dura, mas uma sucessão de momentos isolados. Essa interpretação pressupõe um afastamento do entendimento de tempo e de memória entre Proust e Bergson.

Nessa mesma linha de afastar os paralelismos entre os dois autores, segue a leitura de Dresden (1956), que acredita que o pensamento proustiano de que a memória, ao introduzir o passado no presente sem modifica-lo, tal qual ele era no

momento em que estava presente, suprime precisamente essa grande dimensão do tempo que segue a vida que se realiza, características do pensamento de Bergson.

Ricoeur (1995) também sustenta uma concepção de tempo espacializado em Proust, em oposição do tempo enquanto duração de Bergson. Para esse autor, “Em Busca do Tempo Perdido” confirma o caráter dimensional do tempo, não desembocando numa visão bergsoniana de uma duração despojada de qualquer extensão.

Rossetti (2009), autora que estudou uma ampla bibliografia de autores que discutiram as relações entre Proust e Bergson, levanta algumas hipóteses sobre o primeiro. Para ela, Proust é talvez um bergsoniano intermitente, ou talvez um bergsoniano que se ignora, ou um bergsoniano apesar de si, dado o seu esforço de independência. A autora entende que Proust, em seu romance, tentou reencontrar a duração interior e, assim, realizou o voo que Bergson formulou muitas vezes, uma vez que Proust quis fazer estender, a seus pacientes leitores, a continuidade invisível e indestrutível de uma melodia, a melodia de um tempo que dura.

Depois de uma análise de como se dá a revelação e a composição do tempo proustiano, Rossetti (2009) passa para a exposição das analogias entre Proust e Bergson. A esse respeito, salienta que:

Proust não é uma aplicação literária da teoria bergsoniana, seria simplista demais pensar assim, além de ser uma desconsideração à originalidade e genialidade de Proust. Dessa maneira, para quem já leu Bergson, percorrer o universo do romance proustiano é deparar-se com analogias flagrantes e, também, com espantosas contradições. Todavia, se atentarmos aos acordos existentes entre ambos, muitos podem ser os acordos entre Bergson e Proust para um ouvinte habituado à melodia bergsoniana. Entretanto, é no tema central, o mesmo para ambos, que encontramos o maior acordo: o tempo. Não um tempo comum e vulgar, mas o tempo como duração, criador da vida e da arte (ROSSETTI, 2009 p. 90).

O trabalho de Rossetti (2009) ainda trás uma importante referência no que compete às relações entre Proust e Bergson. Trata-se da leitura de Walter Benjamin (1989), filósofo da primeira geração da Escola de Frankfurt, que apresenta como se dá a inspiração de Bergson e como essa foi transformada pelo romance de Proust:

Matéria e Memória define o caráter da experiência na *durée* (duração) de tal maneira que o leitor se sente obrigado a concluir que apenas o escritor seria o sujeito adequado de tal experiência. E, de fato, foi também um escritor quem colocou à prova a teoria da experiência de Bergson. Pode-se considerar a obra de Proust, Em busca do tempo perdido, como a tentativa de reproduzir artificialmente, sob condições sociais atuais, a experiência tal

como Bergson a imagina, pois cada vez se poderá ter menos esperanças de realizá-la por meios naturais (BENJAMIM, 1989, p. 105).

É possível perceber que Benjamim reconhece a influência de Bergson em Proust, no entanto entende que a aplicação reprodutiva da teoria da memória bergsoniana em “Em Busca do Tempo Perdido” é transformada pela leitura subjetivamente proustiana que, colocando em prova tal teoria, expõe a sua inaplicabilidade no campo da experiência concreta. O autor parte do princípio de que a experiência, no entendimento bergsoniano, dificilmente se realizará por meios naturais por partirem de conceitos e noções idealizadas que não se aplicam à realidade concreta. Para Benjamim (1989), Proust — ao tentar recriar — na medida do possível e sob determinadas condições sociais — a experiência tal como Bergson a concebia — desenvolve outro entendimento de memória. Essa operação — como se pretende apresentar nesse trabalho — subverte o sentido original da memória bergsoniana.

Ao apresentar as dessemelhanças entre Proust e Bergson, Benjamim (1989) produz condições para uma aproximação da concepção de memória em Proust das formulações freudianas. Nessa operação a “memória pura” da teoria bergsoniana, converte-se em memória involuntária. De acordo com o autor, desde o começo, Proust confronta esta memória involuntária (inconsciente) com a voluntária (consciente), que se acha à disposição do intelecto. Benjamim (1989) admite que os pontos de contato entre Bergson e Proust existem, mas acredita que os mesmos estão temporariamente suspensos. No entanto, sua leitura possibilita constatar que os pontos discordantes com Bergson permitem a constatação de uma semelhança nocional entre Proust e Freud.

É justamente a partir de uma aproximação ou semelhanças de noções e conceitos entre Proust e Freud, que pretende abordar, nesse artigo, o que se chamou inicialmente de subversão proustiana da memória. Subversão aqui é entendida a partir da definição de Dunker (2011), como a inversão ou deslocamento do sentido de um processo, que implica não somente a passagem ao contrário, mas também acrescida de um deslocamento novo. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que na obra “Em Busca do Tempo Perdido”, no livro “No Caminho de Schann”, Proust subverte o parâmetro fundamental da memória bergsoniana, trazendo um novo entendimento que substitui a memória pura pela memória involuntária. Esta última que se acredita

ter semelhanças com as formulações freudianas de memória e lembrança, presentes na teoria dos traços mnemônicos e das lembranças encobridoras.

Tomando as passagens que tratam sobre a memória e lembrança no livro “No Caminho de Schann”, foram formulados as seguintes questões: O que se conserva da teoria de Bergson nas formulações de memória e lembrança em Proust? Quais noções de memórias e lembranças em Proust podem ser acordadas com as formulações freudiana dos traços mnêmicos e das lembranças encobridoras? Como se constitui a subversão proustiana da memória nesta obra?

A MEMÓRIA EM BERGSON: A CONSERVAÇÃO DO PASSADO

Para compreender o que se conserva das noções da memória bergsoniana em Proust é importante, primeiro, apresentar a concepção de Bergson (1999) sobre o tema, para em um segundo momento estabelecer relações entre ambos. Essa apresentação será realizada tomando como referência “Matéria e Memória”, uma das principais obras de Bergson sobre o tema.

Em “Matéria e Memória”, Bergson (1999) desenvolve uma concepção idealista e especulativa de memória, tomando como pressuposto a ideia de que esta é a fonte primária da realidade. Nessa obra, o autor tenta provar a espontaneidade e a liberdade da memória, se opondo aos esquemas mecanicistas e biologicistas da filosofia de sua época, que situavam essa a uma função ou mecanismo cerebral. O objetivo central da exposição de Bergson é demonstrar que o passado se conserva integral e inteiramente no espírito.

Bergson (1999) sustenta uma concepção dualista sobre a existência da matéria, no entanto critica o reducionismo realizado pelas correntes idealistas e realistas, apresentando o entendimento de que a matéria não se reduz à representação que o indivíduo faz dela (idealismo), não sendo, também, uma natureza diferente da representação (realismo). Buscando superar o radicalismo e até mesmo o paralelismo de tais correntes, o autor sustenta a ideia de uma intersecção solidária entre cérebro e mente. A respeito dessa relação, escreveu Bergson (1999): “Que haja solidariedade entre o estado de consciência e o cérebro, é incontestável. Mas há solidariedade também entre a roupa e o prego onde ela está pendurada, pois, se retiramos o prego, a roupa cai” (p. 5). Nessa afirmação, o autor compara o cérebro a um prego e a consciência a roupa pendurada, apresentando a dependência entre

ambos, e ao mesmo tempo em que sugere, nas entrelinhas, a possibilidade de se pendurar outras roupas no prego, uma vez que o cérebro como o prego fixo pode sustentar outras roupagens. Esse exemplo evidencia uma ideia central na filosofia de Bergson: a de que os fenômenos mentais, dentre os quais a memória, não são redutos ou epifenômenos da fisiologia cerebral, uma vez comprovada a sua relação de dependência e plasticidade.

De acordo com Bosi (1994), todo o esforço científico e especulativo de Bergson está centrado no princípio da diferença: de um lado está o par percepção-ideia, oriundo de um presente corporal contínuo, e de outro o fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito por outros meios. A autora afirma que a oposição entre o perceber e o lembrar é o eixo de “Matéria e Memória” que já no título trás o selo da diferença: matéria/memória.

Buscando apresentar as relações e diferenças entre cérebro e mente, Bergson (1999) procura definir a matéria como imagem, entendida enquanto uma existência situada entre a coisa e a representação. O autor chamou de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de certa imagem determinada, o corpo. Para o autor as imagens agem e sofrem reações, se relacionando entre si no universo e fazendo este girar através do movimento que elas produzem. No interior das imagens que constituem esse universo existe uma imagem que opera como o centro de irradiação de movimento, que o autor chamou de corpo. Ele entende que as imagens exteriores transmitem movimento ao corpo e este lhe restitui a mesma ação. Nesse entendimento, pode-se dizer que as imagens exteriores agem sobre o corpo e o mesmo reage sobre tais imagens em constante movimento.

Deleuze (2003) explica que não existe dualidade entre imagem e movimento em Bergson, como se a imagem estivesse na consciência e o movimento nas coisas. O autor explica que existe uma concepção das imagens-movimento na filosofia bergsoniana, pois a imagem é em si mesma entendida como movimento e vice versa. Assim, de acordo com esse autor, a verdadeira unidade da experiência bergsoniana é a imagem em movimento. Nesse entendimento, a imagem em Bergson é o fenômeno que aparece e está em movimento.

Bergson (1999) concebe a imagem-movimento que aparece no corpo como uma atualização do aqui e do agora. É nesse caminho que o autor enfrenta o problema

da passagem do tempo e da memória. Ele se opõe a noção de percepção atual, trazendo a ideia de que não existe percepção que não esteja impregnada de lembrança. Para o autor, percepção e lembrança se penetram sempre, trocando sempre alguma coisa das suas substâncias por um fenômeno de endosse. O autor defende a ideia de que é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde. Perceber, para este autor, significa uma situação de lembrar (BERGSON, 1999; BOSI, 1994).

Em suas exposições sobre a memória, Bergson (1999) defende a necessidade de tratá-la como um fenômeno que ocorre junto com a percepção e de mostrar que ela ocupa um lugar central no conhecimento humano e não secundário como foi comumente defendido pela filosofia empirista, e esse é justamente o ponto de convergência entre a consciência e as coisas, entre o corpo e o espírito:

Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra. É incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nele acrescenta. Justamente porque a lembrança de intuições anteriores análogas é mais útil que a própria intuição, estando ligada em nossa memória a toda a série dos acontecimentos subsequentes e podendo por isso esclarecer melhor nossa decisão, ela desloca a intuição real, cujo papel então não é mais - conforme mostraremos adiante - que o de chamar a lembrança, dar-lhe um corpo, torná-la ativa e conseqüentemente atual (BERGSON, 1999, p. 69).

Em sua teoria da memória/lembrança, Bergson (1999) explica que o passado se conserva atuando diretamente sobre o presente. O autor categoriza essa conservação, operada pela memória, em dois conceitos: memória-hábito ou memórias dos mecanismos motores e as lembranças independentes de quaisquer atos. A primeira se refere aos esquemas de comportamento que o corpo se utiliza, as vezes automaticamente, em sua ação sobre as coisas. A segunda se refere às lembranças isoladas, singulares, que constituem autênticas ressurreições do passado (BERGSON, 1999; BOSI, 1994).

Apesar de considerar aspectos do inconsciente filosófico em sua teoria, Bergson (1999) afirma que uma única hipótese permanece possível em relação à

memória: a de que o movimento concreto, capaz, como a consciência, de prolongar seu passado no presente, capaz, ao se repetir, de engendrar as qualidades sensíveis, já seja algo da consciência, algo da sensação. Como visto a teoria de Bergson parece pressupor uma íntima correspondência entre memória, percepção e consciência, o que sugere a ideia de que o pensar/lembrar depende do esforço da consciência, entendimento que, como será apresentado a seguir, destoa das construções proustianas de memória.

EM BUSCA DA MEMÓRIA PERDIDA: DISCORDÂNCIAS E CONCORDÂNCIAS ENTRE BERGSON E PROUST

A temática da memória, de fato, perpassa todo o livro “O Caminho de Swann”, estando presente nas discussões e nas construções estéticas de Proust (Proust, 2006). Nesse tópico, procurar-se-á apresentar e discutir algumas passagens que falam sobre a memória nesse livro. Essa discussão será realizada buscando relações com as teorias de Bergson, uma vez entendida a influência deste autor sobre Proust. O objetivo é apresentar as discordâncias e as concordâncias entre os dois autores, observando o que se conserva de Bergson nas formulações proustianas para depois apresentar as relações da concepção da memória involuntária com as formulações freudianas.

Em “No Caminho de Swann”, Proust (2006), incorporado no personagem fictício Marcel, relata as suas memórias da infância, apresentando também a história de amor e ciúme do personagem Charles Swann por Odette. Esse relato se reporta a cidade fictícia de Combray. A estética desse relato é caracterizada, em sua forma, pela evocação da memória subjetiva do personagem com o foco nos detalhes que buscam situar e descrever estados e perfis psicológicos, esses que se mesclam aos diversos espaços mundanos. O livro está dividido em três partes: Combray; Um amor de Swann; Nome de terras: o nome.

A primeira parte inicia com o narrador Marcel descrevendo as impressões que surgem em sua consciência a partir de vivências relacionadas ao ato de dormir, de sonhar e de acordar. Neste relato, Marcel nomeia de “mundo dos sonhos”, o espaço correspondente à sua realidade subjetiva. Esse espaço lhe evoca as lembranças involuntárias dos terrores e traumas da infância, proporcionando-lhe também momentos de gozo descritos pelo autor como “inomináveis”. O narrador se mostra

nessa primeira parte um jovem frágil que necessita da presença e companhia da mãe. Essa necessidade se intensifica quando a sua família recebe o notório Sr. Swann, caracterizado como um burguês, fino, sofisticado, ocioso e apreciador de artes. Swann é pai de uma moça que possui a mesma idade do narrador (PROUST, 2006).

Uma das construções mais significativas da primeira parte, sobretudo por apresentar a concepção de memória involuntária e sua estetização em obra, está contida na cena onde o autor expõe a experiência de comer um bolinho conhecido como *Madeleine*. O narrador mergulha na boca uma colherada de chá, onde deixa amolecer um pedaço da *Madeleine* e neste momento é invadido por um prazer isolado e sem noção de causa que lhe faz rememorar. A esse respeito, relatou Proust (2006):

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray. [...] O simples fato de ver a Madalena não me havia evocado coisa alguma antes que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas — e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob sua plissagem severa e devota — se haviam anulado ou então, adormecidas, tinham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançar a consciência. Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gótica impalpável, o edifício imenso da recordação.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava (embora ainda não soubesse, e tivesse de deixar para muito mais tarde tal averiguação, por que motivo aquela lembrança me tornava tão feliz), eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos dela (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se cobrem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores de nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá (p. 48).

Neste exposto é possível perceber a concepção de memória em Proust: trata-se da memória involuntária ou memória inconsciente. Ao relatar a complexa

experiência do chá e da *Madeleine*, o narrador revela uma característica desse tipo de memória: ela não está sob o domínio da consciência, dependendo, assim, de situações específicas para ser evocada e/ou construída, ou seja, seu surgimento depende do acaso. O bolinho é o gatilho deste acaso, responsável pelo transporte do personagem-narrador rumo às lembranças da infância. Ele é o link entre o passado e o presente do personagem. Nesse sentido, não é somente a *Madeleine* enquanto imagem percebida no ato de ver, que também compunha as lembranças do narrador-personagem, mas as sensações (cheiros, sabores), atizadas pela situação específica, capaz de propiciar uma plena reconstrução do passado.

A memória involuntária, em Proust (2006), não é oriunda de um esforço do ato de perceber que na teoria de Bergson é sinônimo de lembrar. Ao contrário, ela é efeito de um deslizar, um esquecimento do momento presente, provocado pela situação, ou seja, um retorno a espaço-tempo que se mantinha inconsciente e por razão do gatilho, o elo subjetivo, torna-se possível de ser vivenciado. Na teoria de Bergson, a memória pura está intimamente ligada ao intelecto e à consciência. No romance de Proust, existe, não uma aplicação real desse conceito, mas uma inversão ou deslocamento do sentido de memória, que implica não somente a passagem ao contrário, mas esta passagem é acrescida de um deslocamento novo. E esse deslocamento novo só foi possível por ter sido realizado por uma via intuitiva, própria das artes. Assim, mesmo que Proust (2006) tenha tentado aplicar a teoria de Bergson em seu romance, o que se constrói no processo criativo é outra noção de memória que, apesar de conservar alguns aspectos da memória bergsoniana, não depende da consciência, separando percepção de lembrança. E é justamente por se orientar mais pela intuição artística e menos pela abstração filosófica de Bergson, que Proust consegue trazer algo do seu próprio inconsciente, o que subverte o sentido da memória pura, possibilitando a captação e a expressão da memória involuntária, uma memória que, diferente das abstrações e idealizações bergsonianas, tem o seu princípio fundante na experiência subjetiva.

Concordando com Benjamim (1987), pode-se dizer que Proust pôs à prova a teoria bergsoniana da experiência, justamente por tentar produzir artificialmente da sua maneira, a partir das condições sociais de sua época, a experiência tal como Bergson a entendia. Nesse processo de aplicação, Proust (2006) descobre e revela a acidentalidade da memória e a sua íntima relação com o ambiente físico e social, o

que, de acordo com Benjamim (1987), prova que não há correspondência direta entre consciência e memória na obra proustiana. Nesse sentido, a ilusão do controle consciente da memória pura bergsoniana deixa de existir na obra proustiana, dando lugar à espontaneidade da lembrança que não depende do esforço consciente do sujeito.

Apresentadas algumas discordâncias entre Proust e Bergson, no que tange à noção de memória, cabe agora apresentar o que se conserva da concepção do segundo na obra proustiana. É inegável que a memória enquanto duração temporal representa um dos principais temas bergsonianos que se conserva nas construções de Proust. Ambos os autores tem na memória um elo que conecta o passado com o presente, fazendo o primeiro durar. Apesar das divergências de como se dá o processo de rememoração (voluntariamente ou involuntariamente), a memória representa, para os dois autores, a forma pela qual o indivíduo acessa o tempo vivido, sempre em relação ao momento presente. Trata-se de uma capacidade humana que permite ao indivíduo vivenciar e se situar no tempo, esse que passa e, portando, dura.

A SUBVERSÃO PROUSTIANA DA MEMÓRIA E AS FORMULAÇÕES FREUDIANAS

No que tange a como se dá processo de rememoração, sustenta-se nesse artigo que Proust subverte o parâmetro fundamental da memória bergsoniana, trazendo um novo entendimento que substitui a memória pura pela memória involuntária, oriunda da acidentalidade. Tal como apresentado, essa subversão se dá porque houve uma inversão do sentido original da memória bergsoniana em sua aplicação literária, graças à experiência subjetivante do autor que, na escrita, experimenta espontânea e intuitivamente o processo de rememoração e criação. Essa linha de análise se ancora nas conclusões de Benjamim (1989) para o qual Proust não seria simplesmente um escritor de ficção, mas um autor que escreve sobre a realidade, utilizando da primeira para tal feito.

A subversão proustiana da memória bergsoniana permite aproximar as formulações de Proust das formulações freudianas. E é por meio das contribuições de Freud sobre o assunto, que procurar-se-á, nessa etapa do artigo, apresentar algumas formulações sobre memória e lembranças, buscando se orientar pelos textos “Além do Princípio de Prazer”(1920), “Uma Nota sobre o Bloco Mágico”(1925) e “Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1901).

A concepção da memória involuntária presente em “No Caminho de Swann” e exemplificada no exemplo da *Madeleine*, sugere a ideia de que não existe correspondência entre memória e consciência. Uma hipótese semelhante, acerca da incompatibilidade entre os sistemas psíquicos percepção-consciência e memória, foi desenvolvida por Freud (2006) no texto “Além do Princípio de Prazer” de 1920. Ao especular sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico, o autor afirma que o que é objeto da consciência não pode conservar nenhum traço mnemônico. Ele entende que se a consciência conservasse qualquer traço inviabilizaria a nova percepção, uma vez que a consciência surge no lugar dos traços de lembrança. Assim, nesse entendimento, Freud (1920) afasta a memória da consciência, o que destoa das formulações bergsonianas sobre o tema.

Uma das formulações de Freud (1920) que argumentam esse afastamento está na noção de *Reizschutz*, que significa escudo protetor contra o estímulo. De acordo com o autor, sem o escudo protetor, o organismo vivo, em meio a um mundo exterior que está carregado de energias de grande intensidade, seria aniquilado pelos estímulos deste mundo. Ele explicita que este escudo faz com que as energias do mundo exterior só possam transmitir às próximas camadas situadas logo abaixo, e que continuam vivas, apenas uma parcela de suas intensidades. Nesse sentido, essas camadas, protegidas pelo escudo, tendem a dedicar a recepção das quantidades de estímulos que o mesmo deixou passar. Freud (1920) acredita que tal barreira, como componente do sistema percepção-consciência, além de proteger dos estímulos externos, permite que os estímulos que passam tenham a possibilidade de se tornarem conscientes.

Outro texto de Freud a tratar sobre a noção de memória e que permite uma aproximação com as construções proustianas é “Uma Nota sobre o Bloco Mágico”. Nesse texto, Freud (1927) volta a discutir o sistema percepção-consciência e as formulações gerais do aparelho psíquico, usando a metáfora do brinquedo do bloco mágico como exemplo. Tal brinquedo é composto por duas camadas de papéis, um de celulose transparente e o outro de um papel encerado bastante sensível e translúcido, e uma prancheta. De acordo com Freud (1927) para “usar o bloco mágico, basta escrever sobre a primeira camada de celuloide, mas não se necessita de lápis ou giz. Trata-se de um retorno ao antigo sistema de escrita sobre plaquinhas de barro

ou cera: utiliza-se um estilete com o qual se risca a superfície produzindo ranhuras que funcionara como ‘escrita’” (p. 139).

Freud (1927) explicita que quando as folhas não fossem mais necessárias, bastava levantá-las, e apagava-se o que ali fora anotado. Assim, depois de uma anotação, quando as camadas da folha fossem separadas e descoladas, seria possível ler o que foi escrito apenas no papel encerado. Fazendo uma comparação entre o funcionamento do aparelho psíquico com o bloco mágico, o autor expõe que a folha de celuloide seria como um escudo protetor contra estímulos externos (*Reizschutz*), às influências danosas de fora, e a outra camada, a do papel de cera, seria o abrigo e a recepção destes estímulos. Com isso, o autor reafirma a tese de “Além do Princípio de Prazer” de que as excitações externas são estocadas nos sistemas do pré-consciente (P-Cs), responsável pela recepção e pelo abrigo dos estímulos (papel de cera), representando a segunda camada. A primeira camada, a de proteção dos estímulos externos, teria a função de diminuir a magnitude dos impulsos que lhe chegam. Nessa tese, está inscrito que a consciência nasceria no lugar do traço mnemônico, sendo uma substituição da lembrança e não, necessariamente, um lembrar, um atualizar ou um conservar de um momento passado.

A teoria das lembranças encobridoras, apresentada por Freud em “Psicopatologia da Vida Cotidiana”(1901), traz alguns elementos que permitem compreender como se dá o processo de substituição da lembrança, um dos pilares nocionais e conceituais freudianos sobre a memória. Nesse trabalho, Freud constatou que as recordações indiferentes da infância são possíveis graças a um processo de deslocamento (*Verschiebungsvorgang*). Para o autor tais recordações são substitutas (*Ersatz*) de impressões afetivas importantes. A sua reprodução direta implica um choque com uma resistência. A conservação dessa recordação opera pela relação associativa com outra lembrança recalçada. Na teoria freudiana a lembrança encobridora, a qual o sujeito/indivíduo/organismo tem consciência, representa uma construção *a posteriori* ao recalque e funciona de maneira a conservá-lo, justamente porque não é nociva ao organismo. Nesse sentido, vale destacar que Freud (1901) entende que para o organismo vivo, a proteção contra estímulos é tarefa quase mais importante do que a recepção de estímulos.

As teses de Freud sobre os traços mnemônicos e sobre as lembranças encobridoras se assemelham a memória involuntária proustiana. Essa semelhança anuncia uma radical separação com o modo de entender o processo de rememoração com enfoque na percepção consciente, tal como é o caso de Bergson. O ponto de encontro entre Freud e Proust se dá justamente pelo entendimento de que a memória não depende exclusivamente do voluntarismo da consciência, ao contrário ambos buscam traçar relações da memória com o inconsciente e com o seu aspecto involuntário e atemporal: Proust com suas construções artístico-intuitivas que remontam às suas próprias experiências subjetivas; Freud com sua experiência clínica, subjetiva e, em alguma medida, enquanto leitor.

A construção literária de Proust (1913) sobre a experiência do chá e da *Madeleine*, vem exemplificar hipoteticamente um caso de lembrança encobridora. O que se conserva nessa experiência atual não é o passado evocado do narrador tal como se fosse vivenciado imagetivamente tal como aconteceu, mas os seus traços mnemônicos (o cheiro, o sabor) de uma experiência afetiva indiferente da infância que, no momento da rememoração, adquire conteúdo e forma graças à narrativa literária. A lembrança encobridora proustiana, nessa leitura, tem a função de manter o recalque do autor, operado pelo processo de deslocamento.

De maneira geral, a partir do que foi exposto e discutido, pode-se dizer que a subversão da memória bergsoniana de Proust aproxima-o de Freud. Não por uma inspiração, como foi a de Bergson, uma vez que Proust não conheceu Freud e vice versa, apesar de terem vivido na mesma época. A subversão proustiana da memória se dá pela construção intuitiva de outra noção de memória, não pelo esforço da razão filosófica que poderia, talvez, levar à resistência, mas pela experiência estética. E é, talvez, esse o sucesso da obra: apesar de ter uma inspiração de Bergson, Proust (1913) não busca explicar racionalmente, mas procura trazer para o plano da linguagem escrita aquilo que se passa em sua própria subjetividade: seus conflitos psíquicos e anseios existenciais. É justamente aí que a aplicação dos conceitos e noções bergsonianas é testada: pela arte procura-se expressar espontaneamente o que inquieta a subjetividade sem atender a uma demanda racional. Assim, o autor se aproxima e traduz a linguagem do inconsciente por outra via: a da experiência da escrita.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, W. Sobre alguns temas de Baudelaire. In *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (trad. Paulo Neves. 2º edição). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DRESDEN, S. Les idées esthétiques de Bergson. In *Les Études Bergsoniennes*. Paris: PUF, 1956.
- DUNKER, C. I. L. O nascimento da clínica. In Duncker, C. I. L. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. (1901). Psicopatologia da vida cotidiana. vol. IV.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1920). Além do princípio de prazer. vol. 2.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1925). Uma nota sobre o Bloco Mágico. vol. 3
- LAMA, F. A. D. (2012). Da memória involuntária à incompatibilidade consciência-memória: aproximações benjaminianas entre Proust e Freud. *VII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP*, v. 5, p. 16-31.
- POULET, G. (1992). *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro, Imago.
- PROUST, M (1913). *No caminho de Swann* (trad. de Mario Quintana, 3º ed). São Paulo: Globo, 2006.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa II*. Campinas: Papirus, 1995.
- ROSSETTI, R. Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust. *Filosofia Unisinos*. Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 79-91, jan./abr. 2009.

THE PROUSTIAN SUBVERSION OF MEMORY: A READ BETWEEN THE INSPIRATION OF BERGSON'S THEORY AND THE FREUDIAN FORMULATIONS

ABSTRACT

This paper aims to discuss Proust's conception of memory and the act of remembering content, comparing it with Bergson's theory and Freud's formulations. Based on the reading and analysis of the book *Swann's Way*, it is supported the idea that Proust, although inspired by Bergson, developed another formulation of memory and the act of remembering content. Thanks to his literary aesthetic experience, Proust discovers and highlights the involuntary or unconscious memory that does not depend on conscious effort, subverting the original meaning of the Bergsonian theory which conceives of extending the past into the present as something of the consciousness. This subversion of memory has notionally brought Proust closer to Freudian formulations, in which the unconscious is at the heart.

KEYWORDS: Memory; act of remembering contente; Proust; Bergson, Freud

LA SUBVERSION PROUSTIENNE DE LA MÉMOIRE: UNE LECTURE ENTRE L'INSPIRATION DE LA THÉORIE DE BERGSON ET LES FORMULATIONS FREUDIENNES

RÉSUMÉ

Cet article vise à discuter la conception de la mémoire et le souvenir de Proust, en la comparant à la théorie de Bergson et aux formulations de Freud. Sur la base de la lecture et de l'analyse du livre *Du côté de chez Swann*, il est soutenu l'idée que Proust, bien qu'inspiré par Bergson, a développé une autre formulation de la mémoire et de la remémoration. Grâce à son expérience esthétique littéraire, Proust découvre et met en évidence la mémoire involontaire ou inconsciente qui ne dépend pas de l'effort conscient, subvertissant le sens originel de la théorie bergsonienne qui conçoit d'étendre le passé au présent comme quelque chose de conscience. Cette subversion de la mémoire a théoriquement rapproché Proust des formulations freudiennes, où l'inconscient est au cœur.

MOTS CLÉS: Mémoire; Souvenir; Proust; Bergson; Freud

RECEBIDO EM 27/12/2019

APROVADO EM 22/06/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php